



AMBOISE
CHÂTEAU ROYAL

GUIA DE VISITA



Os terraços do Castelo Real de Amboise

Nos terraços do castelo, uma vista panorâmica do Vale do Rio Loire espera por você.

- ⬅ À sua esquerda, o novo jardim de vasos criado no local da antiga casa das sete virtudes
- ⬆️ em frente à rampa, a capela Saint-Hubert
- ➡️ à sua direita, as residências reais dos séculos XV e XVI
- ⬇️ ao fundo os jardins suavemente inclinados e as duas impressionantes torres cavaleiras..

Na Renascença, a Coroa francesa transformou o castelo em um palácio real. Símbolo de seu poderio, para este castelo convergiam as atividades políticas, econômicas e artísticas do reino. Ele reflete um período decisivo da História, em que conviviam diversas tendências estilísticas provenientes de Flandres e da Itália. Alvo de cupidez por parte dos franceses durante toda a primeira metade do século XVI, a Itália era também admirada por sua vitalidade artística. Nesse período, os monarcas convidaram a Amboise diversos artistas e intelectuais italianos, cuja influência se mesclou à estética francesa, criando um estilo original conhecido como "a primeira Renascença francesa". O castelo de Amboise ilustra perfeitamente a evolução arquitetônica do estilo gótico para o novo estilo da Renascença francesa. Epicentro do poder da realeza nesse período, em Amboise residiram ou se hospedaram todos os reis das dinastias Valois e Bourbon. O castelo foi o palco de numerosos eventos políticos do reino: nascimentos, batismos, casamentos de príncipes, conjurações e éditos de paz. Esta poderosa fortaleza tinha a missão de garantir a segurança da família real. Mas, na ausência do rei e da rainha, transformava-se no "jardim de infância" dos soberanos franceses: aqui nasceu Charles VIII e aqui foram criados François I, sua irmã Marguerite de Angoulême e os filhos de Henri II e Catarina de Médicis.

Da origem à Renascença

Ocupada desde o Neolítico, Amboise se tornou a principal cidadela do povo celta dos Turones. As primeiras fortificações, construídas sobre o promontório rochoso, facilitaram o desenvolvimento do artesanato galo-romano. O primeiro fosso do castelo foi construído no século IV d.C., com o objetivo de defender as moradias edificadas na parte alta do vilarejo. Em 503, Clóvis, Rei dos Francos, encontrou-se com Alaric, Rei dos Visigodos, na Ille d'Or, em frente às muralhas Norte. A fortaleza foi intensamente disputada durante o período medieval, tendo como pano de fundo a rivalidade entre o Conde de Anjou e o Conde de Blois.

Em 1214, com o cerco da Touraine por Philippe-Auguste, rei da França, o domínio de Amboise caiu sob o jugo do monarca. Em 1431, o Senhor Louis de Amboise foi condenado à morte por ter conspirado contra Georges de La Trémouille, favorito do Rei Charles VII (1403/1422-1461). Anistiado, Louis de Amboise teve de abrir mão do castelo, que foi confiscado em favor da Coroa francesa. Charles VII estabeleceu uma companhia de franco-arqueiros. Seu sucessor, Louis XI (1423-1461/1483), mandou erguer um oratório nas proximidades do donjon construído para sua esposa, Charlotte de Savoie. Foi em Amboise que nasceu, em 1470, seu filho, o Delfim Charles, futuro Charles VIII (1470/1483-1498).



Luis XI



Carlos VIII



Genealogia da dinastia Valois

A França no início do reinado de Charles VIII

Instabilidade política

O Delfim Charles, que ainda não tinha atingido a maioridade quando seu pai, Louis XI, faleceu, ficou provisoriamente sob a regência de sua irmã, Anne de Beaujeu. A autoridade de Charles VIII foi contestada pelo Duque de Orléans, seu primo – que, por oportunismo, se uniu ao Duque de Bretanha (1484) e a Maximiliano da Áustria (1486). Assim, teve início a chamada "Guerra Louca" contra o monarca francês (1486- 1488).

O casamento com Ana de Bretanha

Ana de Bretanha era herdeira de François II, Duque de Bretanha. O ducado era o pivô da rivalidade entre a dinastia imperial de Habsbourg e a dinastia real francesa Valois. A morte do Duque de Bretanha (1488) marcou o fim da "Guerra Louca" que o Duque travava contra o monarca francês. Além de obter a anulação do casamento da herdeira do ducado com Maximiliano de Habsbourg, ele próprio rompeu o compromisso com Marguerite da Áustria, filha do Imperador, para se casar, em 6 de dezembro de 1491, com Ana de Bretanha. Assim, selou pessoalmente a união entre a França e o ducado de Bretanha, que foi definitivamente anexado ao reino em 1532. Ana mudou-se para Amboise, residência do casal. Os três meninos e a menina que a nova Rainha francesa deu à luz morreram pequenos. Apesar de tantos lutos, a Rainha soube impor sua personalidade à corte. Com a constituição de um grupo de uma centena de damas de honra e senhoras das mais tradicionais famílias, as mulheres conquistaram mais espaço. Em torno de Ana de Bretanha gravitavam também artistas de grande talento, como o pintor Jean Bourdichon, originário de Touraine e autor das célebres iluminuras de seu livro de horas, e o escultor Michel Colombe.

O grande projeto arquitetônico do Rei de Amboise

Charles VIII, pouco tempo depois de casar-se com Ana de Bretanha, em 1491, decidiu mudar-se para o castelo de Amboise, onde passara a infância. No ano seguinte, lançou o projeto de ampliação da ala medieval; em 1493, as obras da Capela São Humberto foram concluídas; nos anos seguintes, duas novas construções foram empreendidas: a residência de Sete Virtudes (ao sul) e a residência real (ao norte). As obras, ordenadas pelo soberano antes de partir para a Itália, traduzem o estilo gótico flamboyant. O rei voltou em 1496, acompanhado por muitos artistas italianos, que ele encarregou da decoração interior da residência e da criação de um jardim inspirado nas vilas italianas. A grande inovação do projeto real residia principalmente na construção de duas grandes torres cavaleiras com dimensões extraordinárias.

Charles VIII morreu em 1498, sem ver a conclusão das obras do castelo. Porém, em apenas cinco anos, grande parte do projeto já estava de pé.

As campanhas militares do Rei da França na Itália e a chegada dos primeiros italianos em Amboise

Quando Ferdinando I, rei de Nápoles, morreu, Charles VIII reivindicou o trono da península italiana, alegando ser herdeiro de Charles du Maine, último conde de Provence e soberano legítimo do reino de Nápoles, ocupado pelos aragoneses desde 1442.

Em 1494, Charles VIII partiu, à frente de 30 mil homens, para tomar posse do reino. O exército francês chegou a Nápoles em fevereiro de 1495. Assim tiveram início as campanhas militares da Itália, que conduziram sucessivamente Charles VIII, Louis XII e François I pelos caminhos do reino de Nápoles e do ducado de Milão. Apesar das muitas vitórias (das quais a mais famosa é a de Marignan, em 1515) e de vários períodos de ocupação, essas expedições se terminaram com a derrota dos monarcas franceses. Em 1559, Henri II assinou o Tratado de Cateau-Cambrésis, pondo fim às ambições da França na Itália.

As campanhas tiveram como efeito colateral aguçar ainda mais o gosto dos soberanos pela Renascença italiana. Nesse período, foram convidados a Amboise alguns eminentes intelectuais e artistas desse país, entre os quais o pintor Andrea del Sarto e o célebre artista e engenheiro Leonardo da Vinci.



A Capela São Humberto



O monumento, dedicado a São Humberto, padroeiro dos caçadores, foi construído em 1493 sobre as fundações do antigo oratório erigido no reinado de Louis XI.

Destinada a uso privativo da família real, a capela tem estilo gótico flamejante. Sua notoriedade se deve principalmente ao fato de abrigar a sepultura de Leonardo da Vinci, que morreu em Amboise em 2 de maio de 1519.

A sepultura de Leonardo da Vinci (1452-1519)



Túmulo de Leonardo da Vinci

O grande mestre italiano inscreveu para sempre seu nome na história do castelo ao obter do soberano François I o privilégio de ser enterrado na capela, em 1519. Leonardo da Vinci chegou a Amboise em 1516, aos 64 anos, trazendo na bagagem uma brilhante carreira desenvolvida em Florença, Milão, Mântua, Veneza, Roma e Bolonha, onde conheceu o Rei François I. O soberano colocou à disposição de da Vinci o Solar de Cloux, atualmente conhecido como Clos Lucé, e o nomeou "Primeiro Pintor, Engenheiro e Arquiteto do Rei", com pensão anual de 700 ecus. No castelo, o artista se consagrou ao desenho e ao ensino, principalmente nas áreas de canalização, urbanismo e arquitetura. Alguns autores atribuem a ele o projeto de urbanismo da citadela de Romorantin e de algumas partes do Castelo de Chambord. Leonardo da Vinci fazia parte do círculo de pessoas mais próximas do rei, tendo idealizado muitas das atrações que divertiam o monarca durante as festividades da realeza, em 1518.



EM FRENTE À RESIDÊNCIA DOS REIS a granja e o fosso

Amboise, primeira expressão arquitetônica da Renascença no vale do Rio Loire

Pouco tempo depois da morte de Charles VIII, sob o reinado de seu sucessor, o Rei Louis XII (1462/1498-†1515), foram concluídas as obras da segunda torre cavaleira, chamada Torre Heurtault, arrimada à muralha sul, e da galeria que margeia o jardim de Dom Paccello. Quando Louis XII morreu, o jovem monarca François I (1494/1515-†1547) reafirmou os privilégios fiscais concedidos à cidade "em homenagem à infância que passou em Amboise" e mandou ampliar a altura da ala perpendicular ao Rio Loire. As lucarnas com pilastras dessa nova construção refletiam a influência italiana e contrastavam com as lucarnas da residência de Charles VIII, paralela ao Rio Loire, cujos pináculos, mais finos, são de estilo gótico flamejante. Posteriormente, Henri II mandou erigir uma nova residência ao leste, paralela à ala renascentista dos aposentos reais. Assim, temos uma ideia da grandiosidade dessa construção, que totalizava cerca de 220 cômodos.

Tragédia em jogo no fosso do castelo

O famoso cronista Philippe de Commynes é quem relata esse sombrio episódio da História: em 7 de abril de 1498, o Rei Charles VIII, acompanhado pela Rainha Ana de Bretanha, dirigiu-se à galeria Haquelebac, situada por sobre o fosso que ligava, de norte a sul, a residência de Sete Virtudes à residência do Rei (o fosso foi tapado no século XVII e parcialmente reaberto no século XIX), para assistir a um Jeu de Paume (precursor do tênis). Nessa ocasião, o rei bateu com a cabeça no lintel de uma porta, morrendo poucos dias mais tarde, aos 66 anos, sem deixar herdeiros do sexo masculino.



A RESIDÊNCIA GÓTICA - TÉRREO Sala de Guarda, galeria, sala da pilastra



1. Sala de Guarda

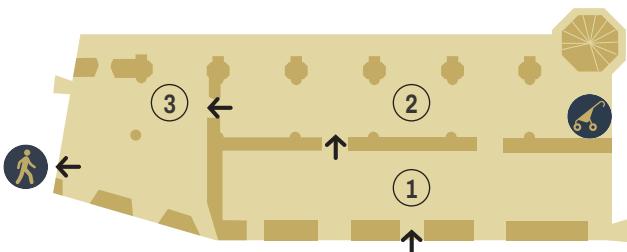
À direita, descubra as sucessivas etapas de construção do castelo ao longo dos séculos, graças aos terminais interativos. As projeções em vídeo revelam as condições de realização da grande obra de Carlos VIII e toda a riqueza arquitetônica e decorativa do Logis des Sept Virtues, hoje desaparecido. À sua esquerda, inicia-se o percurso de visita com uma sucessão de salas destinadas à guarda que controla o acesso aos andares nobres.

2. A galeria da guarda

Esta galeria aberta permitia vigiar a navegação e a travessia do Rio Loire.

3. A sala da pilastra

Esta sala era usada pelos serviços e pela guarda do castelo para transitar entre a antiga galeria do donjon que dominava o fosso e a residência real. Uma escadaria levava ao quarto de vestir do rei Charles VIII, atualmente conhecido como Sala de Tamborileiros.



Continuação da visita no fundo da sala, pela escada



Carriinhos de bebé devem ser deixados perto da barreira, à direita da galeria. Ao final da visita, eles estarão esperando por seus donos nesse mesmo local.



Dê meia-volta e retorno à entrada da residência. Acesso ao 1º andar pela parte de trás da residência, no lado que dá para os jardins. Por baixo da galeria de Almâle, uma rampa dá acesso ao 1º andar.



A RESIDÊNCIA GÓTICA - 1º ANDAR A sala de Tamborileiros

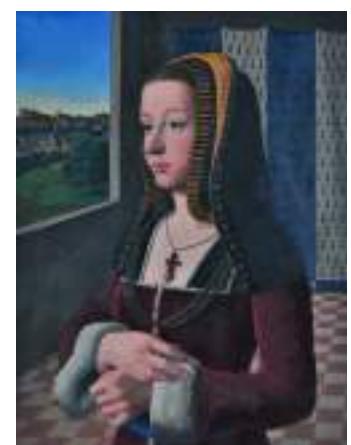
O rei Luís XI (1423-1483), foi o primeiro a residir esporadicamente na antiga fortaleza do castelo onde moravam sua esposa e seu filho, futuro Carlos VIII. Durante uma de essas etapas, ele fundou a ordem de São Miguel, cuja longevidade de mais de 360 anos ultrapassa em muito a da atual legião de Honra francesa. Ele também decidiu estabelecer as primeiras fábricas de seda (14 de março de 1470) que trouxeram riqueza ao Vale do Loire.

Esta sala corresponde ao local em que se situava o “quarto de vestir” do rei Charles VIII. A Corte costumava viajar muito e os móveis, em geral, eram levados nas viagens. A sala de “tamborileiros” (músicos) evoca as numerosas festas e os bailes organizados no castelo. O nome da sala foi dado por ocasião de uma visita do rei Louis XIV a Amboise, em 1661.

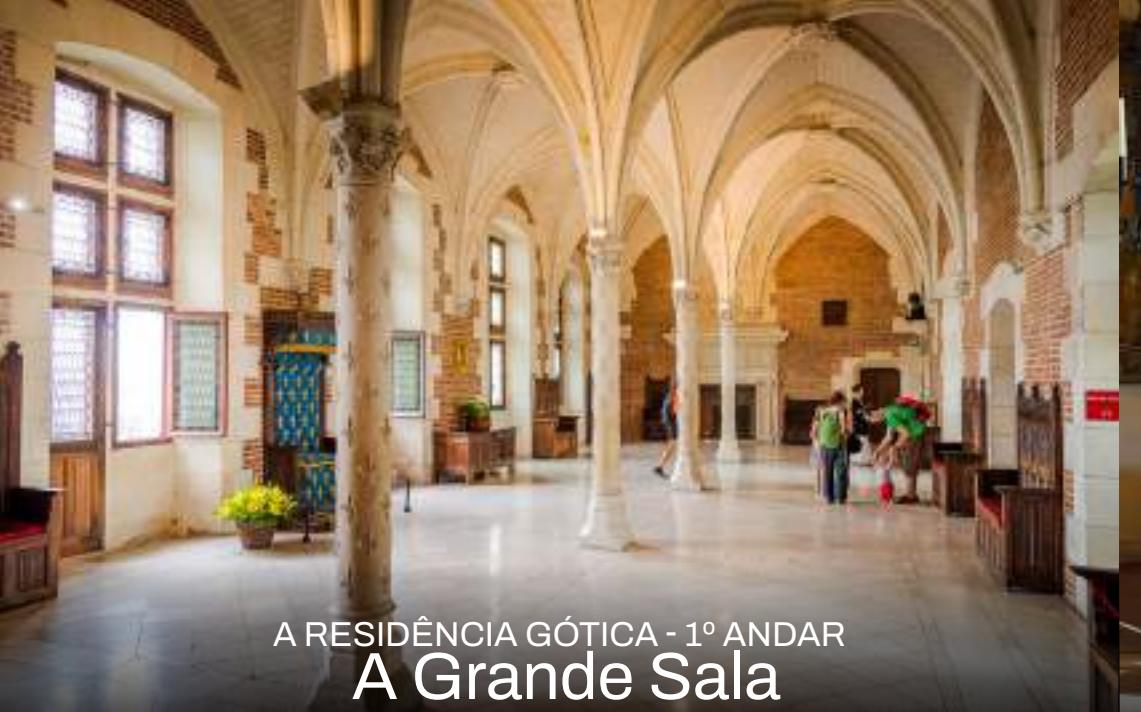
A anexação da Bretanha ao reino da França (1532)

Gracias ao casamento do monarca francês Charles VIII com Ana de Bretanha (1491), única descendente de François II, duque de Bretanha, a região da Bretanha uniu-se inicialmente com a França por laços pessoais. Como o casal não tinha descendentes vivos quando Charles VIII faleceu (1498), em aplicação do contrato nupcial Ana de Bretanha (†1514) foi obrigada a casar-se com o novo Rei da França, Louis XII (1462-1498, †1515), seu primo.

François I (1494-1515/†1547), sucessor de Louis XII, tornou-se usufrutário do ducado em virtude dos laços com sua esposa, Claude de France (†1524), filha de Louis XII e Ana de Bretanha, e com seus filhos François e Henri. Em 1532, ano da maioridade de François, “duque delfim”, os Estados do ducado aceitaram a união com o reino da França.



Ana de Bretanha



A RESIDÊNCIA GÓTICA - 1º ANDAR A Grande Sala

Na Renascença, a monarquia francesa ampliou progressivamente seu poder sobre o reino, em particular assegurando a fidelidade dos governadores, oficiais e dignitários do clero. Além disso, o rei exigia que os grandes senhores permanecessem vários meses ao seu lado, em companhia das esposas. Essa foi a porta de entrada para que as mulheres começassem a frequentar a Corte. A Grande Sala, um dos primeiros salões com essas dimensões usado para entreter os cortesãos, é contígua ao pátio onde foram organizadas, em 1518, as festividades reais de batismo do delfim e o casamento do sobrinho do Papa Laurent II de Médicis com Madeleine de la Tour d'Auvergne. Essa aliança contribuiu para estreitar os laços de François I, aclamado por sua vitória em Marignan, com a Santa Sé e as principais cortes europeias, em particular da Itália.

François I (1494/1515/†1547), Grande mecenas das artes na Renascença francesa

Louis XII escolheu Amboise para acolher François de Angoulême, seu primo e sucessor presumido. Com quatro anos de idade, o pequeno François chegou a Amboise com Louise de Savoie, sua mãe, e Marguerite, sua irmã, e passou toda a infância no castelo. Em 1515, ascendeu ao trono. Sua fascinação pela Renascença transformou-o em um grande mecenas das artes. Além de patrono de intelectuais franceses, como Budé, Marot, du Bellay, Ronsard e Rabelais, ele promoveu artistas italianos, como Andrea del Sarto, Leonardo da Vinci e Benvenuto Cellini. O soberano mandou ampliar a altura da ala renascentista da residência real de Amboise e decorar as lucarnas segundo o padrão estético italiano.

A noite dos cartazes e a conjuração de Amboise, prenúncio das Guerras de Religião

François I fez com que sua autoridade sobre a Igreja fosse reconhecida pela Concordata de Bolonha, em 1516. Mesmo sendo favorável à reforma da Igreja, ele preferia não interferir nas controvérsias teológicas. Todavia, na noite de 17 de outubro de 1534, uma série de cartazes contra "os horríveis, imensos e insuportáveis abusos da Missa papal" foram colados nas principais cidades do reino e na porta do quarto do Rei, em Amboise. Essa provocação interrompeu o processo de reforma moderada contemplada pelo soberano. Entre 200 e 300 pessoas foram detidas. Dezenas de suspeitos, condenados por heresia, foram queimados vivos.

Em 1560, o novo Rei François II, filho mais velho de Henri II e Catarina de Médicis, tinha 16 anos. No ano anterior, havia se casado com Maria Stuart, Rainha da Escócia. O poder era exercido pelos tios de Maria Stuart, da família Guises, partidários de uma política repressiva em relação aos protestantes. Entre 27 e 29 de março de 1560, a fim de combater a influência dos Guises, os protestantes tentaram raptar François II do castelo de Amboise. Os conjurados foram detidos, julgados e, por fim, executados em praça pública. Alguns foram inclusive pendurados na sacada do castelo, a fim de servir de exemplo. Os confrontos armados entre os grandes personagens do reino atingiram seu ponto máximo em 24 de agosto de 1572, na sangrenta noite de São Bartolomeu.



OS APOSENTOS RENASCENÇA - 1º ANDAR A Grande Câmara

Este cômodo tinha inicialmente uma função de aparato, sendo usado pelo rei para receber pessoas próximas. Atualmente, a Grande Câmara apresenta uma coleção de móveis e objetos associados aos costumes das refeições reais. Os cavaletes medievais cederam lugar à "mesa italiana", ricamente decorada e com possibilidade de aumentar o número de lugares. Porém, a arte da decoração à mesa evoluiu lentamente: o uso de garfo com dois dentes ainda era raro e, até o reinado de Henrique III, o mais comum era o uso de faca e colher.



Francisco I



Grande baú renascentista em nogeira



Cerâmica com decoração renascentista
século XIX

A introdução da perspectiva na Renascença

Em matéria de mobiliário, o estilo gótico do final do século XV era caracterizado pelo uso de motivos "plis de serviette" ou de arcos ogivais. A Renascença redescobriu a arte da perspectiva desenvolvida na Antiguidade, também chamada *trompe-l'oeil*, trazendo a noção de profundidade para a decoração de móveis e tapeçarias.



OS APOSENTOS RENASCENÇA - 1º ANDAR Os aposentos do Rei

Este cômodo foi o quarto do rei François I (1494-1515-1547) e de seu filho Henrique II (1519-1547-1559). Posteriormente, foi também ocupado por sua esposa, Catarina de Médicis (1519-1589), que, após a trágica morte do rei, desempenhou um papel ativo nos negócios da nação durante os sucessivos reinados de seus filhos. A decoração do quarto ilustra perfeitamente o resgate da noção de perspectiva nas artes decorativas do século XVI.

Leonardo da Vinci, figura tutelar das artes

Leonardo da Vinci impressionava a corte francesa pelo ecletismo de seus conhecimentos e talentos. Sua aura contribuiu sem dúvida alguma para a glória do rei François I, "protetor das Artes e das Letras". Em junho de 1518, o soberano francês adquiriu vários dos mais renomados retratos realizados pelo mestre, entre os quais a famosa "Santa Ana", que decora uma de suas capelas. Nos séculos XVIII e XIX, o renome de Leonardo da Vinci cresceu ainda mais. Em 1781, por exemplo, François-Guillaume Ménageot (1744-1816) pintou o quadro "A Morte de Leonardo da Vinci", que retrata François I acolhendo o último suspiro do grande mestre na residência Clos Lucé, palacete situado nas proximidades do Castelo Real e colocado à disposição do artista toscano pelo soberano. Embora essa cena nunca tenha realmente acontecido, pois François I se encontrava em Saint-Germain-en-Laye, ela exalta as estreitas relações entre o rei mecenas e o gênio florentino. A obra foi adquirida no mesmo ano pelo rei Louis XVI, servindo à realização de uma tapeçaria destinada a uma das galerias de Versalhes. Em 1818, a mesma cena foi retomada de forma brilhante pelo pintor Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867). A esse respeito, o pintor Ménageot foi um dos precursores do estilo Troubadour, que prosperou ao longo de todo o século XIX. Muitas gravuras inspiradas nessa cena decoraram as paredes de residências burguesas, contribuindo para popularizar o rei e o artista como duas figuras eminentes da Renascença.



Quadro "A Morte de Leonardo da Vinci"
(François-Guillaume Ménageot. Empréstimo de longa duração do município de Amboise, Museu Municipal).

Catarina de Médicis

Henrique II



OS APOSENTOS RENASCENÇA - 1º ANDAR O Guarda-Roupas

Neste cômodo situado próximo aos aposentos do rei ou da rainha, e reformado no século XIX, eram conservados os trajes dos monarcas.

O caótico destino do Castelo

A partir do reinado de Henrique III, os monarcas permaneciam cada vez menos em Amboise. A Corte deixou definitivamente o Vale do rio Loire no reinado de Henrique IV, transferindo-se para a região Île-de-France.

Soberanos que passaram por Amboise nos séculos XVII e XVIII

(járeas das coleções)



Henrique IV



Luís XIII



Luís XIV



Philippe V da Espanha

O castelo, por falta de manutenção, transformou-se na sombra de si mesmo. Nos séculos XVII e XVIII, suas masmorras e torres ainda serviam a alojar prisioneiros de guerra e inimigos do Estado (por exemplo, para Nicolas Fouquet, em 1661). Em 1631, o ministro Richelieu ordenou a demolição preventiva das fortificações do castelo e o fechamento dos fossos, para prevenir o uso das praças de armas do reino contra o Rei Luís XIII.

Entretanto, no século XVII o castelo de Amboise continuou a ser um local em que os diversos soberanos faziam escala: Henrique IV (1553-1589-1610) em 1598 e 1602; Luís XIII (1601-1643) e Luís XIV (1638-1643-1715) em 1650 e 1660..



ESCADARIA NÃO ACESSÍVEL.

Com o Histopad®, o visitante, sem sair da Grande Sala, pode conhecer o 2º andar da residência por meio de uma visita virtual (se necessário, solicitar o aparelho aos funcionários presentes nas salas). Ao final, os funcionários providenciarão o acesso da rampa para a galeria Aumale (estaçao nº 15, junção com o final do roteiro para visitantes sem deficiências).



OS SALÕES DO SÉCULO XIX - 2º ANDAR O Gabinete Orléans-Penthievre

Em 1763, o Duque de Choiseul (1719-1785) conseguiu que o Rei lhe confiasse o castelo de Amboise, promovido a ducado-pariato. Porém, o Duque abandonou Amboise em favor do castelo de Chanteloup, situado nas imediações (Chanteloup foi posteriormente destruído). Quando Choiseul morreu, o castelo de Amboise foi adquirido, em 1786, pelo Duque de Penthievre (1725-1793), primo do Rei Louis XVI e neto legitimado do Rei Louis XIV. Foi ele que, em 1789, mandou aparelhar a residência real e criar novos jardins ingleses, cujas alamedas sinuosas existem até hoje. Sobre a torre ocidental, chamada Garçonne, foi construído um quiosque octogonal com inspiração nos pagodes chineses, forma muito apreciada no século XVIII. Confiscado na época da Revolução Francesa, o castelo foi incendiado, além de ter sido alvo de diversos movimentos organizados para destruí-lo, comandados por Pierre-Roger Ducos, cônsul do Império. Na época da Restauração francesa, o castelo passou para as mãos da única herdeira do Duque de Penthievre: Louise-Marie-Adélaïde de Bourbon (1753-1821), Duquesa de Orléans e viúva de Louis-Philippe Joseph, Duque de Orléans (1747-1793), mais tarde conhecido como "Philippe Égalité".

O gabinete de trabalho mostra uma sucessão de retratos do final do século XVIII, representando o avô materno e os pais de Louis Philippe I, futuro Rei da França.



Duque de Choiseul



Duque de Penthievre



Genealogia dos Bourbons-Orléans



OS SALÕES DO SÉCULO XIX - 2º ANDAR Salão de Orléans

Louis-Philippe, Duque de Orléans, recebeu o castelo de sua mãe, Louise-Marie-Adélaïde de Bourbon-Penthievre, em 1821. O futuro "Rei dos Franceses" (1773, †1830, †1850) adquiriu 46 casas situadas em volta do castelo, com o objetivo de demoli-las e liberar espaço próximo às muralhas. O rei Luís Filipe realiza a primeira restauração da capela de Saint Hubert, transforma em terraço a antiga casa das sete virtudes destruída por um incêndio e faz adicionar um salão panorâmico no topo da torre Minimes.



Luís Filipe, Rei dos Franceses

Louis-Philippe, chefe do ramo cadete da dinastia Bourbon originária de Philippe de Orléans, irmão do Rei Louis XIV, abraçou os primeiros ideais revolucionários, exilando-se mais tarde em vários países europeus e nos Estados Unidos. Em julho de 1830, o Rei Charles X abdicou, pressionado por uma insurreição que durou três dias – episódio que ficou conhecido como "Les Trois Glorieuses". As ideias avançadas e a grande popularidade de Louis-Philippe conduziram-no ao trono. Assim teve início um reinado de 18 anos (1830-1848), conhecido como a Monarquia de Julho. Depois de prestar juramento à Carta Constitucional revisada, passou a ser chamado Louis-Philippe I, Rei dos Franceses. No entanto, a prosperidade econômica do início de seu reinado foi perdendo terreno para uma profunda crise econômica e social. Sua recusa em proceder a uma reforma eleitoral cristalizou a insatisfação que pairava no ar, culminando com a "Campanha dos Banquetes". A proibição de realizar um banquete em Paris resultou em motim e forçou o Rei a abdicar em 24 de fevereiro de 1848. Louis-Philippe morreu no exílio, na Inglaterra, em 1850.



OS SALÕES DO SÉCULO XIX - 2º ANDAR Sala abd-el-kader

Abd-el-Kader e o início da conquista da Argélia

Na primavera de 1827, um incidente diplomático entre o dey de Argel e o cônsul francês suscita uma forte tensão entre a Regência e a França e levando, em junho de 1830, ao desembarque de tropas da frota francesa nos arredores de Argel. Guardiões francesas se instalaram em todas as áreas portuárias. O dey de Argel e o bey de Oran, representantes do sultão otomano, seguiram o caminho do exílio. Na província de Oran, o pai de Abd-el-Kader desempenha um papel de liderança na resistência à conquista. Segundo seus passos, Abd-el-Kader viveu o seu batismo de fogo no início de 1832. Depois, aos 24 anos, foi colocado à frente de uma confederação de tribos e recebeu o título de "emir" ("comandante").

Os príncipes de Orléans em campanha

A participação dos cinco filhos do rei Luís Filipe nas campanhas da Argélia serviu ao prestígio da Família Real. O duque de Nemours participa na tomada de Constantino em 13 de setembro de 1837. O príncipe herdeiro, o duque de Orléans, atravessa o desfiladeiro dos Portas de Ferro (nas montanhas Bibans) no outono de 1839. Na presença do jovem duque de Aumale, as tropas francesas tomam a Smala, a capital móvel do emir Abd-el-Kader, em 16 de maio de 1843. Este feito de destaque vale ao duque de Aumale a nomeação, apesar da sua juventude (25 anos), governador da Argélia em setembro de 1847. O príncipe de Joinville, nomeado contra-almirante, comanda o bombardeio naval de Tânger e Mogador em 1844. O duque de Montpensier se destaca na batalha de Biskra (1844) e depois nas batalhas contra os Cabiles (1855).

O cativeiro em Amboise do Emir Abd-el-Kader (1848-1852)

Após 15 anos de duros combates contra os exércitos franceses, Abd-el-Kader decide depor as armas e deixar a Argélia para sempre, sob a condição de poder retirar-se para uma terra islâmica. Esta condição é aceita pelo duque de Aumale, então governador geral da Argélia, e em 24 de dezembro de 1847 Abd-el-Kader embarca com sua família e seus próximos. No entanto, a promessa feita ao emir não é confirmada em Paris pelo governo e Abd-el-Kader descobre, durante a escala do seu barco em Toulon, que é considerado um prisioneiro. Apesar da revolução de 24 de fevereiro de 1848, o seu destino não muda: o emir e a sua comitiva são levados cativos para o castelo de Pau e depois para o castelo de Amboise, onde chegam a 8 de novembro de 1848. Lá permaneceram durante 4 anos. Durante estes anos, o cativeiro do emir suscitou numerosos protestos em França e no estrangeiro e a corrente da opinião pública a favor da libertação de Abd-el-Kader continuou a fortalecer-se. O Príncipe Louis Napoléon Bonaparte, então Presidente da República, veio a Amboise em 16 de outubro de 1852 para anunciar ao emir de sua libertação imediata. O emir foi então para Paris onde recebeu inúmeras demonstrações de simpatia e de respeito e depois deixou a França para se estabelecer como havia planejado no Império Otomano, não muito longe de Damasco. Em julho de 1860, Abd-el-Kader heroicamente forneceu sua proteção a milhares de cristãos ameaçados de morte as portas de Damasco. O seu gesto generoso foi elogiado em todo o mundo e o Imperador Napoleão III elevou o emir à dignidade de Grande Cruz da Legião de Honra. O emir voltou uma última vez a Amboise em 29 de agosto de 1865 e foi celebrado por todos os residentes de Amboise.



Torre dos Mínimos

O teto da Torre dos Mínimos oferece uma vista sobre o vale do Loire a 40 metros de altura. O salão panorâmico, construído em 1843 mas posteriormente demolido, acolheu o Príncipe-Presidente Louis-Napoléon Bonaparte (1808-1873), que em 16 de outubro de 1852 veio anunciar pessoalmente ao Emir Abd-el-Kader sua liberação. A parte superior dessa torre foi inteiramente redesenhada pelo arquiteto Ruprich-Robert no final do século XIX.

Descendo a escada, você tem acesso à rampa da torre cavaleira construída no reinado de Charles VIII.



Se você deixou um carrinho de bebê na galeria antes de subir à torre, não esqueça de pegá-lo de volta perto da barreira.



Na rampa cavaleira

Recepção ardente ao Imperador

Cette rampe en forme d'hélice permettait ingénieusement aux chevaux du roi ou de l'Empereur de rejoindre les terrasses du château depuis la ville. C'est par l'autre tour cavalière, la Tour Heurtault, que l'empereur Charles-Quint, fit son entrée en décembre 1539 à l'invitation du roi François 1er. Son séjour est marqué par un incident ; une torche enflamme une tenture murale sur le passage du convoi impérial. Sorti indemne de l'accident, l'empereur poursuit le lendemain sa route en direction des Flandres.

No alto da rampa cavaleira, você chega à galeria de Aumale.

Galeria de Aumale

Esta galeria recebeu o nome do quinto filho do Rei Louis-Philippe, o Duque de Aumale (1822-1897), proprietário do castelo a partir de 1895. Militar e político, foi também um grande mecenas, dando origem à maior coleção particular de livros e arte antiga da França. A coleção se encontra atualmente reunida no castelo de Chantilly, sob os auspícios do Institut de France. Na Renascença, a galeria ligava a residência real (à direita) aos aposentos de Henri II e seus filhos (à esquerda, aposentos paralelos).



Os jardins

Na história do paisagismo, o jardim suspenso de Amboise, criado nos últimos anos do século XV, foi o marco de uma importante evolução. Ao regressar da efêmera conquista do reino de Nápoles, e ainda encantado com o que vira, Charles VIII decidiu integrar um jardim ao grande projeto arquitetônico do castelo. A construção foi confiada a Dom Pacello da Mercogliano, religioso napolitano que idealizou um jardim contíguo ao local onde seria construída a nova residência. Sua função era a de ser um espaço de lazer e tranquilidade que despertasse os cinco sentidos. O roteiro da visita foi elaborado de forma a chamar a atenção para a diversidade botânica e a riqueza de aves.

(plano no verso do folheto)

Terraço de Nápoles

Situado à esquerda da saída da Torre dos Mínimos, esse terraço, até poucos anos atrás, era margeado por tília em toda a sua extensão. Essa configuração fez desaparecer completamente o primeiro jardim do Castelo, realizado em 1496 a pedido de Charles VIII ao regressar da Itália. O jardim desenhado por Dom Pacello, aberto para a paisagem dos arredores e visível a partir da residência, abriu caminho para o desenvolvimento dos jardins da Renascença francesa.



O terraço superior, com suas sebes, margeia a muralha medieval na parte nordeste da propriedade. Construído em um relevo para fins de defesa, esse espaço foi convertido em belvedere. Em sua base, vê-se uma pequena sala decorada com a escultura do animal que simbolizava o rei Louis XII: o porco-espinho. A localização do belvedere oferece uma vista para além da muralha leste, bem como dos grandes fossos e da contraescarpa.

Os jardins paisagísticos

Virando as costas ao rio Loire na direção sul, as alamedas percorrem o antigo parque romântico. Nos últimos anos, o jardim recebeu novas mudas de carvalho-verde, buxo, cipreste, jasmim-estrelado, vinhas, gramíneas, gerânio e cardo-mariano.



Os jardins

A alameda central do parque é o eixo principal, de onde partem alamedas secundárias. Esse caminho pavimentado conduz à residência partindo da entrada histórica, identificada por um portal de madeira vazada. Desse ponto exato do parque, o visitante pode desfrutar de um panorama espetacular. O olhar se projeta para além da paisagem, que é pontuada por toques sucessivos de diversos elementos do castelo (o lago, a capela, o teto das torres, etc.).

No terraço sudeste, que domina o cedro-do-líbano, o Jardim Oriental, projetado em 2005 pelo artista plástico Rachid Koraïchi, é uma homenagem aos companheiros do Emir Abd-el-Kader mortos em Amboise. A disposição geométrica das estrelas é rompida por uma linha verde.

À sombra generosa do majestoso **cedro-do-líbano** plantado no reinado de Louis-Philippe, o lago contribui para tornar o jardim ainda mais agradável, criando um espaço de frescor. É impossível vislumbrar o jardim sem a presença da água, tanto por suas propriedades vitais como por suas qualidades estéticas.

Em frente à segunda torre cavaleira, chamada Heurtault, o caminho em direção à residência é emoldurado por fileiras de lavanda. À direita, em direção à capela, o jardim das sete virtudes composto por 3 pátios bordados por amoreiras em vasos, marca a localização da residência com o mesmo nome, hoje desaparecida. A amoreira é uma das árvores emblemáticas do local. Na sua carta assinada no Château d'Amboise em 14 de março de 1470, Luís XI ordenou a instalação de fábricas de seda em Tours. Elas enriqueceram o Vale do Loire até o século XIX.





Busto de Leonardo da Vinci

Na parte inferior do parque, o busto de Leonardo da Vinci, esculpido em mármore de Carrare por Henri de Vauréal, está situado no local em que originalmente se erguia a igreja colegial Saint-Florentin (construção romana do século XI) e onde, segundo sua vontade, da Vinci foi inicialmente enterrado.

A primeira sepultura de Leonardo da Vinci

No dia 23 de abril de 1519, Leonardo da Vinci ditou seu testamento ao tabelião Guillaume Boureau, que anotou: "O autor do testamento deseja ser enterrado na igreja Saint-Florentin de Amboise e que seu corpo seja carregado pelos capelães da referida igreja". Seu desejo foi cumprido poucos dias depois, em 2 de maio de 1519, quando Leonardo da Vinci faleceu.

A igreja colegial do século XI foi demolida entre 1806 e 1810. O busto do artista italiano indica o local exato em que ela se situava. Em 1863, foram realizadas explorações arqueológicas sob a responsabilidade de Arsène Houssaye, Inspetor de Museus da França. Esse trabalho resultou na descoberta de um esqueleto próximo a uma pedra sepulcral com fragmentos do nome do artista e de São Lucas, patrono dos pintores. Graças aos dados coletados, em particular moedas italianas e francesas do início do reinado de François I, Arsène Houssaye conseguiu confirmar que os restos mortais encontrados eram de Leonardo da Vinci. A ossada foi transferida em 1874 para a capela de São Humberto.

Medidas de segurança



Câmeras de segurança



A responsabilidade por menores de idade cabe aos adultos que os acompanham



Brincadeiras e jogos proibidos nas proximidades das muralhas. Proibido escalar. Jogar objetos do alto das muralhas é perigoso para os habitantes



Evacuação em caso de incêndio: sinal sonoro e luminoso, assistência dos funcionários



Saída n° 1: Durante o dia, pelas antigas estrebarias (loja) e pela Torre Heurtault.

Acompanhe a declividade natural do terreno, até chegar à rampa principal que leva à Orangerie (sanitários disponíveis). Depois, siga pela rampa até a antiga estrebaria (onde ficam o balcão Histopad® e a loja), que você poderá percorrer até a outra extremidade.

De lá, você terá acesso à segunda torre cavaleira do castelo, a Torre Heurtault, construída no século XV e decorada com magníficos motivos cômicos. Siga pela rampa cavaleira até chegar ao centro da cidade.



Galeria de Brasões

Acompanhe a declividade natural do terreno, até chegar à rampa principal que leva à Orangerie (sanitários disponíveis). Depois, siga pela rampa que leva diretamente à Galeria de Brasões, por onde você entrou.

Saída n°3 (pessoas com deficiência) : Caso tenha vindo de carro, a saída é pela mesma entrada privativa pela qual você chegou.



02 47 57 00 98

Fotografias :

© Erwan Fiquet : P1, P4(1), P19(1)

©RMN : P9(1), P11 (portraits), P12 (portraits)

©Musée de la Légion d'Honneur et des Ordres de Chevalerie : P2(1)

©Leonard de Serres : P2(2), P7(2), P19(2)

© FSL : P5, P7, P9(2,3), P10 (1,3,4), P11, P12(1), P13, P14, P15, P16, P18

© ADT Touraine JC Coutand : P6 ; P8 ; P17

